

CORREIO DO VOGAL

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

O primeiro governo republicano

Os republicanos portugueses assentaram nisto: dentro da monarchia não ha salvação possível para este paiz. Cada dia que ella governa é mais um passo para o abysmo. João Chagas ainda disse, ha pouco: «Pedir á monarchia que legisle é pedir-lhe que governe. Pedir-lhe que governe é dizer-lhe que subsista, e a uma monarchia, como a nossa, coberta de crimes, não se póde reconhecer similhante direito.»

Esta affirmacão, afinal, encontra-se a cada passo na imprensa republicana, e com ella parece concordar a insistencia com que se proclama a necessidade da Revolução. Apenas Antonio José d'Almeida, outro dia, affirmando na sua *Alma Nacional* que o sr. Teixeira de Souza é moralmente e mentalmente incapaz d'uma larga obra administrativa, politica e social, admittiu a hypothese d'esta poder realisar-se dentro da fórma monarchica. O vigoroso e apaixonado caudillo tem até esta passagem no seu artigo: «... a republica tardaria algum tempo, mas não seria eu que me incommodasse com o facto, porque a republica tambem lucrava.»

Esta doutrina contraria a orientacão do partido republicano. Talvez até Antonio José d'Almeida esteja em contradicção consigo mesmo. Pelo menos, o seu sonho doirado é o acto revolucionario. Di-lo muitas vezes. Ainda a proposito das eleições, escreveu: «O povo republicano foi á urna, porque a urna é, neste momento, em Portugal, o vestibulo da Revolução.»

A affirmacão de Antonio José d'Almeida, e mesmo todo o artigo d'onde a colhemos, deixou-nos a impressão de que o fogoso e sympathico propagandista considera a questào politica como uma questào secundaria. Tivemos até, por momentos, a ingenuidade de o suppôr d'accordo com os nossos principios: a fórma de governo tem importancia, mas, mais do que ella, têm-na o temperamento, o caracter, a educação dos homens que hão-de servi-la.

Mas Antonio José d'Almeida é politico. E' declaradamente republicano. Está na vanguarda do seu partido. E' um

dos seus mais incançaveis propagandistas. Trabalha, com ardor, pela Revolução, e talvez seja dos poucos capazes de sahir para a rua, a sacrificar a vida pelo seu ideal.

Por outro lado, o partido republicano, aspirando á Revolução, e aspirando a ella, com desespero, pelo menos aparentemente, revela que perdeu toda a confiança nos governos da monarchia. E, finalmente, os homens que se declaram republicanos incompatibilisam-se com o principio monarchico. Este deve-lhes repugnar. A monarchia, para elles, deve representar uma mentira convencional, contra que a sua consciencia protesta indignadamente.

Parece que tudo deveria ser assim. Mas, neste momento, em Portugal, nós assistimos á colligação, não sancionada, mas real, de republicanos e monarchicos. Não ha duvida nenhuma de que, em muitas assembleias, os republicanos votaram nos candidatos do governo. Duvida nenhuma ha tambem de que alguns dos caudillos da Republica, e dos de mais destaque, estão ao lado do sr. Teixeira de Souza, auxiliando-o, acceitando-lhe, talvez, favores politicos, na intenção de o recompensar no parlamento, com o seu apoio, ou com o seu silencio.

Ora chama-se a isto — transigir, e não se comprehende que um partido que quer salvar o seu paiz, e para isso só encontra um meio — a implantacão urgente, inadiavel da Republica — ajude um governo monarchico.

Mas isto, afinal, tem uma explicação simples: ha agora, neste paiz, dois partidos monarchicos *condicionaes*. Quer dizer: os dissidentes e os regeneradores estão com um pé na monarchia e outro na republica. O sr. Alpoim (o sr. Alpoim, não, que fugiu para Hespanha), mas alguns dos seus correligionarios de mais coragem já andaram, de arma ao hombro, ao lado dos republicanos, para fazer a Republica. O braço rijo de João Franco susteve a onda revolucionaria. Provocou, assim, dois assassinatos, mas evitou, talvez, milhares d'elles. Porque a Revolução, como, afinal, a guerra, é o que alguém disse d'esta — um assassinato collectivo. Adiou-se, por então, o advento da Republica. O Alpoim veio da Hespanha e voltou a ser monarchico.

Ninguém estranhará que amanhã o sr. Teixeira de Souza, ou alguém por elle, pegue tambem em armas, ao lado dos republicanos, contra a monarchia. Supponhamos que o movimento vinga. Se o sr. Teixeira de Souza estiver em Hespanha, recolherá a Portugal, não para jurar fidelidade ao rei deposto, mas para sobraçar uma pasta no primeiro ministerio republicano.

E assistiremos, então, a esta coisa extraordinariamente desoladora: os republicanos a governarem com os homens a que não se têm cançado de chamar ladrões!

GAZETILHA

Parabens, nil parabens,
Caro doutor Magalhães!
Só por artes do diabo
O doutor conseguiria
Ser eleito deputado
Por Azurva. Que honraria!

Eu bem sei que é feudo seu
Todo aquelle povileu!
Mas em tão reñhida lucta,
Nessa lucta tão mofina,
Ha cada filho da... mãe
Qu'a préga até na menina!

Quanta vez um candidato
De alto valor e pacato
Vencer conta a todo o brilho
Por enorme maioria,
E afinal leva um codillo
De tremer, quem no diria?!

Por isso, chegue-se aqui
Que lhe quero dar um *chi*!
Deputado da Nação!!
Por Azurva deputado!!
Leva um *chi* do coração,
Mas um *chi* muito apertado!

Você nas azas da Fama,
Por riba de toda a rama
Vae a caminho da gloria
Por vento fresco levado!
Não que elle não ha memoria
De tão lindo deputado!

E depois, rico menino,
E' você um *gajo* fino,
Apesar d'essa barriga
Inculcar tão grande *lote*
Que já qualquer rapariga
O compara com... um *pote*!!

Salte outro *chi*! Qualquer dia
Os do *centro* em romaria
Vão todos cumprimenta-lo
Por um tal triumpho seu!
Pois se o prazer foi d'estalo!
Viva Azurva que o elegeu!!

15 9-910

EL-VIDALONGA.

O homem que se insubordinou hoje submettendo-se humilhantemente amanhã, annulla assim o seu primeiro procedimento; deve ser perdoado.

Alexandre Supico.

ASSUMPTOS LOCAES

O *Seculo* deu, em correspondencia d'aqui, datada do dia 10, a noticia de que o Carlos Preto e outros assaltaram, de noite, uma casa da eira de Henrique Marques, com o fim de roubar milho.

A ser este facto verdadeiro, trata-se, sem duvida, d'uma quadrilha, porque o diario lisbonense indica, como companheiros do Preto, o Zé Cego, o Alexandre da Gonçala e o Sebastião Maia.

Como era nosso dever, procuramos apurar a verdade. Não o conseguimos, colhendo, ou emtanto, varias versões, segundo uma das quaes os meliantes appareceram na eira do Henrique, animados das mais honestas intenções.

Não podemos, portanto, affirmar que houve roubo frustrado, e consequentemente reclamar a intervenção da justiça. Mas a noticia do *Seculo* e as informações que colhemos auctorisam-nos a dizer que a opinião publica suppõe os quatro individuos citados capazes de commetterem o crime de roubo e alguns até de não hesitarem deante d'uma vingança violenta, se porventura alguém, embora com a verdade apenas, concorrer para a sua condemnação.

Ha dois dias ainda, perguntando nós a uma pobre mulher porque ficou a tremer, ao ser intimada para ir ao tribunal como testemunha, ouvimos-lhe esta resposta que merece a attenção dos representantes da justiça nesta comarca: «Receio que tenha de depôr no processo do Preto, e, sendo assim, não poderei dizer a verdade, porque, fazendo-o, fico sujeita á vingança d'esse malandro.»

Do mesmo modo pensarão muitas pessoas, e assim se explica que algumas se tenham recusado já, em conversa particular, a dizer francamente o que sabem sobre as proezas do degenerado que traz em constante sobresalto esta villa.

O caso é grave, porque, quando isto se dá agora, com muito mais razão ha-de dar-se no dia da audiencia em que seja julgado o supposto criminoso.

E' preciso que o poder judicial esteja prevenido e elucidado. Por isso mesmo nos occupamos do assumpto. D'outro modo, o Carlos Preto, sobre quem pesam gravissimas accusações, poderá sahir do tribunal de cabeça levantada, como um homem honesto, julgando-se ainda no direito de fazer sentar no banco dos reus quem lá o levou.

Bem sabemos nós que, ás vezes, a voz do povo é a voz do diabo. Nem sempre se realisa o aphorismo — *vox populi, vox Dei*. Mas são tantas as queixas e é tal a indignação que por aqui vae contra o miseravel, que toda a premissão é de que os factos que lhe imputam são verdadeiros.

Mas é preciso prová-los no tribunal. Indispensavel, portanto, se torna que quem fôr chamado a depôr diga tudo que souber, obedecendo apenas a este principio: a testemunha deve dizer *toda a verdade e só a verdade*.

Que assim aconteça é o que nós reecemos. Oxalá que nos enganemos, para socego d'esta terra.

No ultimo numero, sob a epigraphe *Consta-nos*, dissemos que a Junta de Parochia não se reúne ha um mez. Mas, por causa das duvidas, procuramos informar-nos com segurança e averiguamos que o *consta-nos* deve substituir-se por *é verdade*. Fomos mais longe ainda e inquirimos dos motivos de tal irregularidade. Disseram-nos: o sr. presidente não apparece, porque outros serviços o impedem d'isso, e um vogal faz o mesmo, porque anda sempre doente.

Para o caso d'isto ser verdade, nós perguntamos:

Já está revogada a disposição doCodigo Administrativo que regula a substituição do presidente e dos vogaes, quando estes estiverem impedidos?

Tirámo-nos dos nossos cuidados, e fomos hontem visitar a *Ponte do Zéqito*. Custava-nos acreditar que o sr. José Fortunato ainda não tivesse providenciado, e reecemos mesmo que nos houvessem informado mal. Quizemos vêr com estes olhos que a terra ha-de comer, para podermos insistir na censura com justiça ou para, lealmente, rectificarmos o que haviamos dito.

Chegámos, benzemo nos com a mão esquerda, encostámo-nos a uma das guardas, para vêr melhor aquella miseria, e, só por milagre, não cahimos á agua.

A ponte está intransitavel para peões, e muito principalmente para carros. Os lavradores têm necessidade absoluta de utilisá-la. O concerto, por agora, não deve custar mais de quinze tostões ou dois mil reis. O sr. José Fortunato tem obrigação de saber tudo isto muito melhor do que nós, porque para isso é que o Estado lhe paga. Portanto, porque não providencia? Porque se obriga a andar na bocca de toda a gente que, indignadamente, o censura?

Apenas uma resposta encontramos para estas perguntas: o sr. Fortunato, como bom portuguez, não quer deshonrar a sua patria, e Portugal, antes de tudo, é uma terra de mandriões...

Pedem-nos para chamarmos a attenção da Junta de Parochia e dos proprietarios para a urgente necessidade de mandar aparar os cômoros do campo.

Muito estimaremos que não tenham de repetir-nos o pedido.

Alguns dos nossos obsequiosos assignantes da capital, na maior parte naturaes d'estes sitios, pedem-nos para os informarmos sobre o adeantamento dos trabalhos da linha do Valle do Vouga nesta villa.

Limitamo-nos, por hoje, a dizer-lhes que estão ainda por concluir as expropriações.

Isto não vae a matar, amigos. Quem se mata morre cedo.

Tribuna de poetas illustres

POBRESINHOS

(Escrepta expressamente para o sarau dramatico-litterario ha annos realisado no theatro Principe Real do Porto em beneficio da viuva e filhos do mallogrado typographo Guilherme José Villola.)

Ter filhos e não ter pão,
Senhor! que triste não é!
Que noite do coração,
Que céga a Virtude até!

Senhor! Acode aos que buscam
Em ti refugio e valor;
Se os privas do teu amor,
Só tentações os ofuscam.

Anda a Miséria, de roda,
Loba faminta, a uivar...
E velam a noite toda,
Tristes! sem lume no lar...

Abre o seio aos pobresinhos
Que a sorte deixou sem pae;
Não se percam nos caminhos
Onde a Tentação lhes sac...

Muitos filhos, pouco pão,
Triste, triste que não é!
Do pensar foge a razão,
Do coração foge a fé...

Senhor! Senhor! Não te deixes
Pelos pobres maldizer!
Faze o milagre dos peixes,
Se ainda o podes fazer!

Se ainda!... E' certo que podes!
E' certo que o vaes mostrar!
Já tu, Caridade, acodes
Como numen tutelar,

E pégas dos orphãosinhos
E os conduzes pela mão...
— Aves que voltam aos ninhos
E os topam cheios de pão!

M. DUARTE D'ALMEIDA.

NOIVA

(De VICTOR HUGO)

Vaes de branco; rosas brancas,
Toda branca como o leite...
O véo bordado de estrellas
E' o teu unico enfeite.

Todo estrellas, todo rosas,
Que bonito é o teu véo!
Rosas — estrellas da terra,
Estrellas — rosas do céu!

Assim, no correr da vida
Só rosas vaes encontrar,
E no céu que te cobrir
Estrellas sempre a brilhar.

CANTARES

A minha guitarra d'oiro
Era do velho D. João,
Que vivia nas Hespanhas
Em tempos que já lá vão.

Na sua ultima noite,
Ao morrer, disse-me assim:
«Quizera deixar-te muito...
Deixo-te o meu bandolim.»

Mas vinha desafinado,
Que o mestre tanto o tangeu
Que, morto D. João, com elle,
O seu bandolim morreu!

Agora embalde o tempéro;
Por mais voltas que lhe don,
Nunca mais, por mais que faça,
Ao seu natural tornou.

Era um segredo por certo
Que morreu com D. João,
Que grande mestre que elle era!
Ai, tempos que já lá vão!

J. SIMÕES DIAS.

AS MINHAS CARTAS

VIII

Impressões do Minho

(CONTINUAÇÃO)

Tomado o carro que faz carreira entre Braga e aquella villa minhota, começa a desenrolar-se, posto que ainda pouco pujante, a mais bella paisagem que eu ainda vi!

Tudo verde, mesmo as mais altas elevações; e a tornar o quadro mais bello ainda, a videira enroscada em volta dos carvalhos, dos choupos, das cerejeiras, etc. A videira nestas condições produz o chamado *vinho de enforcado*. Vamos avançando pela estrada até passar junto de Geraz e Aguas Santas, d'onde se gosa o mais esplendido panorama! Vêmos além passar o Cávado, serpeando por entre margens de surpreendente verdura! O quadro torna-se infinitamente encantador, torna-se todo magia, ao avistarmos o Homem lançando as suas aguas no Cávado! A perspectiva é soberba!

Vê-se a distancia a Serra de Nossa Senhora do Pilar, onde se conta esteve presa D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, com o seu castello em ruínas; e, em torcicólos por entre montes, avista-se o Ave, tambem de bellas margens, descobrindo-se mais além a Serra do Marão.

Vamos chegando á Povoia de Lanhoso, onde nos demoraremos uma hora, para fazer muda de cavallos.

A Povoia é uma villa pequena, mas agradável. As suas casas são novas e de bella apparencia.

Tem club, que fomos vêr; tem theatro, que visitamos tambem, e cuja construcção recente é decorada no tecto com figuras da comedia grega e nas paredes com retratos dos melhores actores portuguezes; tem escolas, estação telegraphica, etc.

Era das proximidades da Povoia de Lanhoso—Fonte Arcada—aquelle virágo da Maria da Fonte (assim chamada por morar ao pé d'uma fonte da terra, pois o seu nome era Maria Angelina) que fez a Revolução da Patuleia, em 1846.

Vêr a villa e visitar o theatro e o club foi obra de meia hora.

A outra meia gastámo-la num petisco que nos offereceu um amigo do Sebastião Pereira, irmão da mais linda mulher que eu havia visto desde a minha sahida do Porto! Não posso resistir a registar o facto.

Quem ha que se não curve á belleza?

Eram tres horas quando retomamos o carro. Lá vamos agora de conversa com os meus companheiros de viagem, já nossos conhecidos. São elles dois cavalheiros, um de Cabeceiras de Basto, mas residente no Porto, capitalista, um ou- rives de Vianna do Castello, e uma senhora dos suburbios de Cabeceiras, senhora muito educada e com quem muito conversei, parente do sr. Jayme de Magalhães Lima, de Aveiro.

A paisagem é devéras encantadora, offerecendo sempre scenario variado, que dissipava toda a fadiga que a diligencia produzia!

Fallou-se de muitas coisas com calor até chegarmos a Bouças, onde se fez muda de carro e cavallos.

Partindo de novo, com peque na demora, escureceu-nos antes de chegarmos a Cabeceiras, o que succedeu ás 8 horas.

(Continúa.)

Paulo Stacio.

ANGELO JORGE

Olhando a vida...

Livraria editora de F. J. d'Almeida e em todas as livrarias

ASSUMPTOS HISTORICOS

A REVOLUÇÃO DE 1820

(CONTINUAÇÃO)

O plano era argucioso, e a Junta do Supremo governo provisório do Reino esteve por momentos a cahir na impotencia. Varios dos seus membros tentaram recuar, submettendo-se á Regencia. Foi então que o coronel Sepulveda, Manuel Fernandes Thomaz e Silva Carvalho comprehenderam o ardil, e com uma coragem moral extraordinaria impozeram: *Avancemos para Lisboa; é o unico meio para salvarmos a patria*. Elles bem sabiam que os despotas das fogueiras do Campo de Santa Anna mentiam. Tinha a Junta vinte mil homens; dividiram-nos em duas divisões, e partiram do Porto para Coimbra. O conde de Amarante, ás ordens da Regencia, retirou-se para Villa Real, e o conde de Barbacena, em Coimbra, reconheceu a auctoridade da Junta. Já proximo de Lisboa, a Regencia ainda tentou illudil-os mandando-lhes Povoas como parlamentar, pedindo que cooperassem para se fazer uma Constituição liberal. A Junta, na sua proclamação de 16 de setembro, proferiu a sentença de intransigencia: «Quem até agora frustrou suas promessas e nossas esperanças, não muda de systema em tres dias.» No entanto, um terceiro e maior perigo se levantava diante da Junta do Supremo governo: o regimento 16 de infantaria revolucionou-se em Lisboa na tarde do dia 15 de setembro, proclamando chefe o conde de Rezende, e destituiram a Regencia nomeando um Conselho governativo de que eram membros o Principal Freire, conde de Penafiel, tenente-general Mathias José Dias, e Hermano José Braamecamp do Sobral. Havia aqui mão astuta, que procurava falsificar o movimento nacional; a Regencia evadiu-se obscuramente, revelando uma certa connivencia, e o Conselho governativo de Lisboa officiou á Junta do Porto para que se dissolvesse, dando por acabada a sua missão! Tal era o theor do officio de 17 de setembro de 1820 mandado pelo governo provisório de Lisboa.

A Junta provisional do Porto repeliu em officio de 27 de setembro essa affrontosa intimação e tratou de avançar para Lisboa. Estava-se a uma linha da anarchia, e era o que o absolutismo pretendia para se garantir pela força. Felizmente havia ainda então sinceridade e boa vontade; chegaram a um accordo, e sob o titulo de *Convenção do Primeiro de Outubro* fundiram-se em uma só as duas Juntas, começando a funcionar em 5 de outubro. Ao auto do juramento em 9, concorreu a principal aristocracia e alto clero, mas no dia seguinte eis que surte no Tejo, vindo do Rio de Janeiro, a não *Vengeur* com o terrível Beresford, armado com os mais extraordinarios

poderes por D. João VI. A Junta não consentiu que Beresford desembarcasse, tendo o marechal de partir dias depois para Inglaterra no paquete *Arabella*.

(Continúa)

THEOPHILO BRAGA.

NOTICIARIO

Fallecimentos—No dia 10, depois do nosso jornal ter entrado na machina, recebemos a dolorosa noticia do fallecimento da sr.^a D. Maria Estephania da Rocha Lucas, que estava aqui, ha um mez, com seu marido, o nosso prezado amigo, sr. dr. Antonio de Carvalho Lucas, distincto alumno do 5.^o anno de Direito. Sabiamos que a dilecta filha do nosso illustre conterraneo, sr. major David Rocha, estava doente, e sempre que perguntavamos pelo seu estado de saude, davam-nos as mais desesperadas informações. Apesar d'isto, a noticia da sua morte surpreendeu-nos, porque o nosso espirito se recusava a conformar-se com o desaparecimento d'uma senhora que estava na primavera da vida, pois contava apenas 27 annos, e que devia ser feliz, visto a extrema dedicacão que por ella tinham o marido e os paes, cuja dôr impressiona os mais insensíveis. Não ha palavras que os consolem, mas nem por isso deixaremos de protestar-lhes, neste momento cruel da sua vida, a mais viva sympathia, estendendo os nossos cumprimentos a toda a familia enluctada.

A saudosissima extincta, cuja morte commoveu vivamente todas as pessoas d'esta terra, era uma senhora intelligente, de primorosa educação e finissimo espirito. Jámais a poderá esquecer quem um dia teve a felicidade de conhecê-la, tal era a sympathia que despertava. Pela nossa parte, havemos de prestar sempre á sua memoria a homenagem da mais profunda veneração que em vida nunca deixou do merecer-nos. O seu funeral foi concorridissimo. Póde dizer-se que, d'esta terra, não ficou ninguém em casa, vindo ainda muita gente de fóra. Ser-nos-hia impossivel dar a nota completa da assistencia. Limitar-nos-hemos, portanto, a apontar aquellas pessoas cujos nomes de momento nos occorrerem.

A chave do caixão foi entregue ao sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, e pegaram ás borlas os srs.: Antonio Simões da Silva, Avelino Dias de Figueiredo, José Rodrigues de Jesus, João Luiz Ferreira, Manuel Maria Dias Morgado e João Rodrigues Fernandes. O sr. José Prat levou uma corôa de flores artificiaes, offerecida por uma creada da extincta.

Entre outras pessoas, incorporaram-se no prestito os srs.: major Eduardo José de Moraes, capitão-tenente Jayme Affreixo, tenente Antonio Machado, drs. Orlando Rego, Diniz Severo e Alfredo Coelho de Magalhães, Angelo Vidal, com-

mendador João de Moraes Machado, Manuel Maria Amador, Aristides Figueiredo, Philippe Dias de Carvalho, Sebastião Rodrigues de Figueiredo, José Antonio de Carvalho Junior, Manuel Marques Jamvelho, João Simões Pereira, Manuel Nunes de Carvalho e Silva, Balthazar de Magalhães Taborá, Sebastião Gomes de Magalhães, Carlos Rodrigues de Figueiredo, Venancio Dias d'Almeida, Clemente Rodrigues da Silva, Eduardo d'Oliveira Barbosa, João Martins de Pinho, José Fernandes Mascarenhas, João Marques Dias Ferreira, Jeronymo Fernandes Mascarenhas, Sebastião Pereira de Figueiredo, Manuel Marques Simões, Venancio Rodrigues de Figueiredo, Abel Pedro Ferreira da Silva, João e José Luiz Ferreira d'Abreu, José Ayres Fernandes de Jesus, João Nunes de Carvalho e Silva Junior e João da Cruz Pericão.

Pelas 5 horas da tarde, chegou o prestito á capella da Senhora da Graça, onde foram cantados officios de corpo presente, que demoraram até perto da noite, procedendo-se em seguida ao enterramento. No cemiterio era extraordinaria a concorrencia, vendo-se muitas pessoas banhadas em lagrimas.

—Falleceu, no dia 9, um filhinho da sr.^a Ignacia Coelho da Silva, de nome Armando, e que contava apenas dez mezes.

As nossas condolencias á familia da pobre creança.

Agradecimento—O sr. Angelo Vidal pede-nos a publicação do seguinte

Agradecimento

Angelo Coelho de Magalhães Vidal agradece, muito penhorado, a todas as pessoas que se dignaram dar-lhe provas de consideração e amizade, quer por occasião do fallecimento de sua estremecida mãe, quer no dia dos officios que por alma d'esta foram rezados na egreja parochial d'Eixo. A todas consigna aqui a sua indelevel gratidão.

Baptizados—Na egreja d'esta villa baptizou-se, ha dias, uma creança do sexo feminino, que recebeu o nome de Maria Thereza, filha do sr. Carlos Dias de Figueiredo e da sr.^a Margarida Simões Ferreira. Foram padrinhos o sr. Sebastião Rodrigues de Figueiredo e a sr.^a D. Maria Ferreira d'Oliveira, avó materna da galante Maria Thereza, a quem desejamos uma vida cheia de felicidades.

—Hoje ha-de tambem baptisar-se um filhinho do sr. Manuel Marques Fernandes e Maria Gomes da Silva. São padrinhos o sr. João Marques Moraes e Maria Fernandes Mascarenhas.

Preço dos generos—Damos a seguir o preço corrente, nesta villa, de varias qualidades de feijão: *laranjeiro*, 900 reis; *branco*, 900; *vermelho*, 600; *amarello miúdo*, 760; *frade*, 600; *amarello graúdo*, 800.

Festividade—Começou, hontem, em Esgueira a magnifica festividade que alli se realisa em louvor da Senhora do Rosario. Dura até segunda. Hontem, houve arraial, que e

teve muito concorrido e animado. Hoje, haverá missa solemne e procissão, subindo ao pulpito, de manhã, o illustrado capellão do Regimento de Infantaria 24, e, de tarde, o sr. dr. Antonio F. Duarte Silva. Na segunda-feira, além d'outros divertimentos, haverá corridas de gericos, argolinha, etc.

Consta-nos que abrilhantarão esta festividade seis philarmônicas, tocando, pelo menos duas, em cada dia. Entre ellas, contam-se a Nova, d'Aveiro, a da Murtosa e a de Albergaria-Velha.

Exame—Por lapso, não demos ainda a noticia do brilhante exame do 1.º grau que fez a menina Augusta Dias Sequeira, de S. João, obtendo a classificação de *optimo*.

Não merece parabens apenas a interessante creança que mostrou intelligencia e curiosidade de saber. E' tambem de justiça apresentá-los á sua professora, a sr.ª D. Maria José Varella de Brito, que tem revelado excellentes qualidades pedagogicas, impondo-se á sympathia dos collegas e á consideração dos seus superiores, pela maneira verdadeiramente notavel como orienta o ensino e pelo carinho com que trata as creanças.

Poderão estas palavras ferir a modestia de sua ex.ª, mas nós é que não devemos perder o ensejo de elogiar, com justiça, tanto mais que temos por principio não elogiar por favor.

Nomeações—O missionario do Ultramar, rev. sr. José Nunes Geraldo, que foi de Portugal na companhia do nosso illustre amigo sr. D. João Evangelista, bispo d'Angola e Congo, foi nomeado conego da Sé de Loanda.

Os nossos mais cordeas parabens.

Foi nomeado sub-delegado para a comarca de Albergaria-Velha o nosso amigo sr. dr. José Lemos.

Affectuosos cumprimentos.

Nova padaria—Deve abrir, hoje, em Aveiro, uma nova padaria, que o sr. Manuel Mattos — o *Calado*, acaba de montar, á rua do Caes.

Instrução Primaria—Foi provida definitivamente num dos logares de professora da Escola Central, d'Aveiro, a sr.ª D. Maria Albertina Pereira da Cruz.

Muitos parabens.

Policia d'Aveiro—In-

Os noivos

(CONTINUAÇÃO)

Propunha uma noite perdida a alguns amigos lá de tempos em tempos, e accetivava sem réplica a noite perdida que outros amigos lhe propozessem a elle. Era prodigo, ás vezes, para ter que contar; libertino, para se entreter uma hora; avarento, para poder depois ser perdulário. No fundo de tudo isto, está o egoismo, evidentemente. E' a unica coisa que elle era sem intervallos!

Os homens achavam-o feio; as senhoras diziam-o sympathico. Elle dava-se bem assim, e conquistava o seu terreno palmo a palmo nos interesses da vida ou nos interesses do coração. Tinha fama de feliz em amores; insinuava-se com um artificio extremo no espirito de todos,

formam-nos de que está a dar-se uma irregularidade, no commissariado de policia d'Aveiro, que determina, sem duvida, graves injustiças.

Costumam estar destacados em Espinho, alguns guardas, serviço que sem duvida lhes agrada, porque o ordenado duplica. Ora esse destacamento, para cada policia, deve ser de um mez apenas. E é isso razoavel para chegar a vez a todos. Mas, infelizmente, não acontece assim. Domina o favoritismo, e ha felizes que se demoram por lá mezes, enquanto outros não chegam a pôr lá os pés.

E' isto, pelo menos, o que nos consta. Na persuasão de que nos informam bem, muito estimaremos que as instancias competentes dêem as necessarias providencias sobre o assumpto.

Grande gala—Vae mandar-se considerar de grande gala, para todos os effeitos do estylo, o dia 27 do corrente, commemoração da batalha do Bussaco.

Falta de espaço—Por este motivo, temos de deixar para o proximo numero algumas correspondencias, entre ellas a do Barreiro e a da Costa do Vallado.

Muitas desculpas aos seus auctores.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos obsequiosos assignantes e colaboradores a fineza de dirigirem toda a correspondencia, respeitante a este jornal, ao seu director, para Eixo (Aveiro).

HENRIQUE VIEIRA

VIVEIRISTA

Costa do Vallado

Tem para vender mais de trinta mil enxertos americanos das melhores qualidades.

Pede a todos os agricultores, que precisem de comprar, para não o fazerem, antes de visitar os seus viveiros.

Responsabilisa-se por todas as encomendas que receber.

MERCEARIA

FELICIANA AMELIA DOS SANTOS SILVA EIXO

Além de todos os artigos de mercearia, tem á venda grandes sortidos de fazendas, das mais variadas qualidades, e calçado dos melhores fornecedores para homem, senhora e creança.

caracterizando o seu character ao geito e gosto de cada um. A serpente tem uma pelle só; elle tinha sete: por isso mudava-a muitas mais vezes!

A sua physionomia denotava sofrimentos, que ninguém lhe conheceria. Dir-se-hia que a desgraça havia passado por aquella existencia o seu sopro glacial. Era um rosto pallido, de olhos profundos, e faces descóradas, que traduzia o fastio da vida ou a impressão de uma saudade. Tudo isto se dissipava em elle principiando a fallar, á medida que um espirito mais agradável do que original, mais facil do que verdadeiro, mais gracioso do que exacto, se auxiliava na sua conversação de todos os estudados recursos d'um jogo de physionomia, aberto, característico e franco.

Fallemos agora de Carminho. Nas novellas inglezas, desenham-

NOTICIAS PESSOAS

Estadas

De visita ao nosso prezado amigo, sr. dr. Orlando Rego, esteve aqui, a semana passada, o sr. Oscar Jordão Portella, digno empregado do Banco Lisboa-Açores.

Tambem aqui esteve, de visita a sua ex.ª familia, o sr. Antonio Alves Diniz, genro da sr.ª D. Ismenia Rego e considerado commerciante na capital.

Esteve no Porto, onde foi assistir ao funeral do sr. Ezequiel Vieira de Castro, digno presidente do Centro Commercial, d'aquella cidade, o nosso amigo sr. Manoel Maria Amador, d'Alquerubim.

De visita á sua ex.ª familia, esteve aqui o sr. Luiz Antonio Passanha Pereira, filho do nosso saudoso conterraneo sr. dr. Sebastião Pereira. Acompanhava-o o sr. Alberto Jordão, alumno do Curso Superior de Letras.

Está na Costa-Nova, com a sua ex.ª esposa e filhinhos, o nosso illustre amigo sr. capitão-tenente Jayme Affreixo.

Encontra-se aqui, desde o dia em que falleceu a sr.ª D. Maria Estephania, a sr.ª D. Rosa Lucas, mãe do nosso prezado amigo sr. dr. Antonio Lucas.

Está em Entre-os-Rios o nosso prezado amigo sr. Alexandre Vidal, illustrado professor em S. João de Loure.

Anniversarios

Fez annos no dia 12 o nosso prezado amigo e conterraneo sr. Avelino Dias de Figueiredo. Muitos parabens.

Partidas e chegadas

Depois de se ter demorado aqui alguns dias, seguiu para Lisboa o nosso amigo sr. Alexandre Fernandes.

Retirou, na quinta-feira, para a Povoá do Forno (O. do Bairro) o nosso amigo sr. Manuel d'Oliveira e Santos, que esteve aqui, de visita ao director d'este jornal.

No mesmo dia, partiu para a capital, no comboyo rapido, o sr. dr. Orlando Rego. Entre as varias pessoas que na estação d'Aveiro se despediram d'este nosso prezado amigo e illustre conterraneo, estavam os srs. João de Pinho Brandão, Angelo Vidal e dr. Alfredo Coelho de Magalhães.

Com sua ex.ª esposa e filhinhos, regressou do Barreiro (Lisboa) o nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

Com sua ex.ª esposa, seguiu no dia 15 para Lisboa, onde vae fazer tirocinio, o alferes-medico sr. dr. José Maria Soares, d'Aveiro. A estação foram despedir-se de sua ex.ª muitas pessoas, entre as quaes no; recorda ter visto os srs.: Padre João Ferreira Leitão, Silverio Barbosa de Magalhães, Manuel Marques da Silva e familia, dr. Armando da Cunha Aze-

se sobre um fundo de paisagem, cercadas d'um céu limpido e claro, as figuras de heroínas que se harmonisem com a cor azul do céu, e que sejam loiras, frescas e serenas! No retrato que se podesse fazer de Carminho, encontrar-se-hiam mil reminiscencias das mulheres de Richardson.

As feições da noiva apresentavam uma combinação de traços puros e nobres, que não se apreciavam á primeira vista, e só lentamente se revelavam. Era alta, formosa, brilhante de saude e de vida! Os seus olhos escuros por baixo dos loiros cabelos, que lhe ornavam a fronte, davam um character particular áquella physionomia em que a sinceridade se deixava lér. Tinha a testa breve, mas desenhada com pureza, e o todo do seu rosto indicava uma alma terna e boa!

Era ella capaz d'um heroismo?

vedo, Anselmo Maria da Silva, Alfredo Osorio, Firmino de Vilhena e filhos, dr. Pereira da Cruz e dr. José Rodrigues Soares e familia.

Com sua esposa, regressou da Costa Nova do Prado á sua casa de Ois da Ribeira o nosso amigo sr. Albano Joaquim d'Almeida.

De Frossos, onde foi de visita a sua familia, seguiu para o Barreiro (Lisboa) o sr. Julio Gonçalves Rodrigues, digno empregado da importante casa commercial do nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 15

No dia 14, pelas 5 horas da tarde, seguia com o meu amigo Antonio Ferreira das Neves, pela Avenida D. Carlos, em direcção ao Tejo, para tomar banho, quando vi um grande ajuntamento de povo. Approximei-me e pedi informações. Vim a saber então que tinham apparecido, dentro d'um sacco de linhagem, misturadas com umas pedras de carvão de coke, duas creanças, embrulhadas numa saia de chita haviam-nas trazido para alli uns catraeiros, que as encontraram arrastadas pela corrente da agua.

Trata-se d'um grave crime, sem duvida. A policia procederá, se quizer cumprir o seu dever, a averiguações, e, se poder descobrir os criminosos, todo o rigor da justiça será pouco para castigar tão grande perversidade.

Têm passado bastante incommodados os srs. Antonio Nunes Valente e Manuel Nunes Baeta Junior. Da nossa parte, fazemos votos pelas suas rapidas melhoras.

Completa, no dia 17, 19 annos o nosso prezado amigo Firmino Nunes Baeta a quem cumprimentamos.

Regressou a esta cidade o nosso amigo sr. João Dias da Quinta, que tinha ido assistir aos grandiosos festejos que se realisaram em Loure.

Foi aqui muito apreciada a correspondencia da Costa de Vallado, na parte que diz respeito á musica *Velha*, de S. João de Loure.

Ao illustrado correspondente agradeço, por mim e pelos meus conterraneos, tão amaveis referencias á nossa philarmónica.

Mais uma vez venho pedir ao sr. Manuel Dias d'Andrade, para dar informações de S. João. Que não se esqueça, por exemplo, de referir-se ao chafariz secco e ao cemiterio. A respeito do primeiro, parece que se realisou a profecia do amigo Baeta Junior: passaram-se as eleições, ninguém mais pensará no caso. Ficamos á espera e, desde já, ao amigo Andrade, muitos agradecimentos.

Melicias.

Arrancada, 15

Falleceu hontem na residencia parochial d'esta freguezia o estimado e bondoso prior, sr. João Antonio Nunes Calado, victima de uma doença que ia para dois mezes o impossibilitava do desempenho da sua ardua missão de pastor da freguezia.

Era um character cheio de probidade, tolerante e liberal, fazendo, talvez, muito honrosa excepção na sua classe, nesta phase da vida que atravessamos. Por isso mesmo era estimado e respeitado por todos, quaesquer que fossem os seus ideacs. Assim, a sua morte foi e será de veras sentida e pranteada por toda a freguezia, porque, certamente, não teremos a dita de encontrar pastor mais exemplar nem mais zeloso. Paz á sua alma. E a

Não sei. Creio, quasi, que não. Comprehendia as coisas grandes e sérias da vida? Era capaz d'apreciar o que vale um destino, e o que um destino importa? Duvido ainda.

Era uma d'estas creaturas, que seguem a primeira impressão, que se curvam ao primeiro olhar. Alma sincera e candida, que, no seu rapido periodo de solteira, gostára muito de namorar e ser namorada. O seu espirito não costumava prender-se a nenhuma das distrações que para as senhoras da sociedade tomam por vezes as proporções da paixão: nem a musica, nem a litteratura, nem a pintura lhe mereciam o decidido interesse a que só as vocações conduzem. Gostava alguma coisa de tudo isto,—mas, nesse pouco amor que por tantos ramos repartia, não se revelava porventura a alma que para nenhum d'elles nasceu?

toda a sua familia os nossos sentidos pe zames.

Esteve aqui ante-hontem o nosso amigo sr. dr. Antonio Brêda, de visita ao tambem nosso amigo sr. Joaquim Gomes d'Almeida e Silva, distincto director do Collegio da Victoria, do Porto, que aqui veio passar o mez de setembro em companhia de sua ex.ª familia.

Foi ante-hontem para Lisboa com a meza do Directorio do professorado primario, de que faz parte, o nosso amigo sr. José Casimiro da Silva, professor-regente da Escola Central d'Aveiro, que se acha entre nós com sua ex.ª familia. Foram tratar de interesses de instrução. Oxalá alguma coisa consigam.—C.

Alquerubim, 15

Falleceu esta noite, na sua casa de Pinheiro, o sr. Miguel Moita, abastado lavrador d'alli.

Era ainda novo, contando pouco mais de quarenta annos. Tinha vindo, ha pouco, do Sanatorio da Guarda, onde esteve em tratamento.—C.

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

	Omn.	Tram.	Omn.	Rap.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	N.
Lisboa (Rocio)	8,30	=	1,35	5,20	9,30
Entronc.	11,54	=	4,41	7,3	11,43
					M.
Coimbra	3,45	9,3	8,5	8,59	2,50
Pampilhoza	4,30	9,29	8,42	9,16	3,48
Mogofores	4,52	10,32	9,45	9,30	4,23
O. do Bairro	5,5	10,41	9,56	=	4,35
Aveiro	5,37	11,21	10,28	9,57	5,7
Estarreja	5,58	11,49	10,52	=	5,30
					T.
Ovar	6,17	12,15	11,12	=	5,57
Espinho	6,40	12,48	11,33	10,35	6,13
					M.
Gaya	7,27	1,33	12,7	10,59	7
Porto (S. Bento)	7,55	1,57	12,35	11,18	7,31

DO PORTO A LISBOA

	Omn.	Rap	Tram.	Rap.	Cor.
	M.	M.	M.	T.	T.
Porto (S. Bento)	6,35	8,50	9,39	5	8,45
Gaya	7,11	9,11	10,14	5,10	9,24
Espinho	7,24	9,28	10,48	5,38	9,50
Ovar	7,50	=	11,22	=	10,4
Estarreja	8,13	=	11,49	=	10,45
Aveiro	8,37	10,5	12,16	6,14	11,10
O. do Bairro	9,5	=	12,50	=	11,42
Mogofores	9,16	10,30	1,3	6,38	11,54
Pampilhoza	9,35	10,46	1,26	6,50	12,34
Coimbra	10,24	11,2	1,40	7,14	12,52
					T.
					T.
Entronc.	1,49	12,55	=	9,9	4,2
Lisboa (Rocio)	5,15	2,40	=	10,50	6,25

TRAMWAYS—São de Aveiro, de manhã, ás 3,54, 7,12, 9,50, 11,21; de tarde, 2,20 e 6. Chegada ao Porto: de manhã, ás 6,34, 9,32, 12,20; de tarde, 1,57, 4,47 e 8,27.

Do Porto para Aveiro, de manhã: 4,15, 7, 9,39 e 11,20; de tarde, 2,14 e 5,10. Chegada a Aveiro, de manhã, 6,40, 9,21; de tarde, 12,13, 1,48, 4,40 e 7,27.

LINHA DO VALLE DO VOUGA—De Albergaria para Espinho, ás ás 3,50 e 7,20 da manhã, e 3,35 da tarde; de Espinho para Albergaria, ás 8,30 e 11,30 da manhã, e ás 4,35 e 7,40 da tarde.

Character meigo e honesto, sabia attender aos preceitos da dignidade do seu sexo, e prometia tornar feliz um espirito desambicioso, que só queira d'uma esposa a fidelidade e o coração; mas, se algum grande talento elevasse para ella vãos ardentos de uma phantasia caprichosa, como a dos poetas ou a dos artistas, viria tempo em que por si mesmo cabisse o amor vehemente que um homem superior lhe desse, ao conhecer que não podia aquella alma simples, aquella imaginação serena e quieta resistir ao sopro ardente da paixão, que se inflamma em aspirações e em sonhos, á medida que a imaginação a engrandece, no colorido que sabem prestar ao amor os que amam mais pela cabeça do que pelo coração.

(Continua.)

JULIO CESAR MACHADO.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA
44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS
(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

*Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA
LINGUA PORTUGUEZA

PARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR
ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . 400 reis



ANGELO VIDAL
A B C ILLUSTRADO
A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR
Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguem disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR
VIEIRA DA COSTA
E

OS TRISTES

POR
FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos. A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Collecção de 12 quadros em papel, 300 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—2000 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL
DE
Gomes de Carvalho, editor
158, Rua da Prata, 160—LISBOA
MALVERT
SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exageros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhac castigará todos os typos que re presentam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracteris-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A' venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracão:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 18200
—semestre 600
Africa —anno 18500
Brazil —anno—(moeda forte) 28200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . . 10 reis
Communicados, cada linha . . . 20 »
—
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracão—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Int.

3.^o ANNO — N.^o 39